

Franco e a guerra civil na Espanha

Por Voltaire Schilling

A Guerra Civil espanhola (1936-39) foi o acontecimento mais dramático e traumático que ocorreu antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Nela estiveram presentes, em aberto enfrentamento, todos os elementos ideológicos, políticos e militares que marcaram o século XX.

Iniciada por meio de um golpe militar liderado pelo general Francisco Franco dado em 18 de julho de 1936, ela, nos meses seguintes, converteu-se numa guerra generalizada e sem quartel entre as forças da direita nacional-falangista e a coligação da esquerda espanhola, terminando por envolver as potências nazi-fascistas e o comunismo soviético, causando um violento banho de sangue que marcou para sempre a Espanha do século XX.

Uma cruzada contra o comunismo

De um lado, insurretos, estavam as forças da Tradição, do catolicismo e do fascismo, aliadas às classes e instituições convencionais da Espanha, o Exército, a Igreja e o Latifúndio; do outro a Frente Popular que formava o Governo Republicano, representando os sindicatos, os partidos de esquerda e os simpatizantes da democracia.

Para a Direita espanhola tratava-se de uma Cruzada para livrar o país da influência comunista e da franco-maçonaria. Uma guerra para restabelecer os valores da Espanha tradicional, autoritária e católica, ameaçadas pela desordem social e política em que o país se encontrava. Para tanto era preciso esmagar a República, que havia sido proclamada em 1931, logo após a queda da monarquia e o exílio do rei Afonso XIII.

Para o lado das Esquerdas era preciso dar um basta ao avanço do fascismo que, naquelas alturas, já havia conquistado Itália (em 1922), a Alemanha (em 1933) e a Áustria (em 1934). Segundo as decisões da Internacional Comunista, de 1935, os quadros comunistas deveriam aproximar-se dos partidos democráticos de classe média e formarem uma Frente Popular para tentar deter a maré crescente de vitórias dos nazi-fascistas em vários países da Europa. Desta forma Socialistas, Comunistas (stalinistas e trotskistas) Anarquistas e Democratas liberais deveriam unir-se para chegar e inverter o que parecia ser a tendência mundial favorável aos regimes direitistas.

Foi justamente esse conteúdo, de amplo enfrentamento ideológico universal, que fez com que a Guerra Civil deixasse de ser um acontecimento puramente espanhol para tornar-se numa prova de força entre as ideologias rivais que disputavam a hegemonia do mundo. Nela envolveram-se a Alemanha nazista e a Itália fascista, que apoiavam o golpe do general Franco e a União Soviética que se solidarizou com o governo Republicano.

Antecedentes da guerra

A Espanha ainda nos 30 era um anacronismo histórico. Enquanto a Europa ocidental já possuía instituições políticas modernas, no mínimo há mais de um século, a Espanha teimavam em manter-se como um oásis tradicionalista, governada pela "trindade reacionária": o Exército, a Igreja Católica e o Latifúndio. Trindade essa que tinha sua expressão última no apoio à monarquia borbônica de Afonso XIII. A elite vivia nostálgica do seu passado imperial grandioso, a ponto de manter um excessivo número de generais e oficiais em relação às suas reais necessidades militares (1 general para cada 100 soldados, o maior percentual do mundo em época de paz).

A Igreja Católica, por seu lado, era herdeira do obscurantismo e da intolerância dos tribunais inquisitoriais dos tempos do Santo Ofício, uma instituição que condenara a modernidade como obra do demônio. E no campo, finalmente, existiam de 2 a 3 milhões de camponeses pobres, *los braceros*, submetidos às práticas feudais e dominados por uns 50 mil *hidalgos*, proprietário de metade das terras do país e que formavam os altos da pirâmide social da península.

Como resultado da grave crise econômica de 1930 (iniciada pela quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929), a ditadura do general Primo de Rivera, apoiada pelo caciquismo (sistema eleitoral viciado que sempre dava seus votos ao governo), foi derrubada e, em seguida, caiu também a monarquia. O Rei Afonso XIII, perdendo o apoio dos militares, foi obrigado a exilar-se em Paris e, em 1931 proclamou-se a República, logo batizada de “*República de trabajadores*”.

A esperança era que doravante, com a mudança do regime, a Espanha pudesse alinhar-se com seus vizinhos ocidentais e marchar para uma reforma modernizadora. Que a República recém proclamada conseguisse a separação do estado da igreja e que introduzisse na constituição e no restante da sociedade as grandes conquistas sociais e eleitorais recentes, além de garantir o pluralismo político-partidário e a liberdade de expressão e organização sindical. Todavia o que se viu a seguir foi a vitória do tumulto e da desordem.

O país, especialmente os trabalhadores e camponeses, reprimidos por séculos, terminou por conhecer um cada vez mais violento enfrentamento de classes. A impotência da República em poder atender as demandas despertadas por todos os lados da sociedade, visto a profunda depressão econômica, provocou a frustração generalizada na sociedade espanhola. Com o ligeiro passar dos anos, as soluções violentas ganharam corpo. Ninguém na Espanha dos anos trinta acreditava que a democracia, desprestigiada em quase todas as partes, salvaria a nação da crise.

Os partidos políticos

Os Comunistas, obedecendo a uma determinação do Comintern (a Internacional Comunista controlada pela URSS), resolveram unir-se aos socialistas, democratas e liberais radicais para compor uma Frente Popular para ascender ao poder por meio de eleições esperando com isso barrar a ascensão vertiginosa do nazi-fascismo. Como sempre, as Esquerdas estavam divididas em diversos partidos e organizações, entre as quais:

- **PSOE** (Partido Socialista Obreiro Espanhol) – Socialistas
- **PCE** (Partido Comunista Espanhol) – Comunistas
- **POUM** (Partido Obreiro da Unificação Marxista) – Comunistas-trotskistas
- **UGT** (União Geral dos Trabalhadores) – Sindical Socialista
- **CGT** (Confederação Geral dos Trabalhadores) – Sindical Anarquista
- **FAI** (Federação Anarquista Ibérica) – Anarco-Sindicalista

Elas aliaram-se com os Republicanos (Ação republicana e Esquerda republicana) e mais alguns partidos autonomistas (Esquerda catalã, os galegos e o Partido Nacional Basco). Essa coligação venceu as eleições de fevereiro de 1936, dominando 60% das Cortes (O parlamento espanhol), derrotando a Frente Nacional, composta pelos direitistas.

A Direita, por sua vez, estava eleitoralmente agrupada na CEDA (Confederação das Direitas Autônomas), formada pelo partido agrário, pelos monarquistas e pelos tradicionalistas (carlistas) e, finalmente, pelos fascistas da Falange Espanhola (liderados

por José Antônio, filho o ex-ditador general Primo de Rivera) e pela JONS, Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista, chefiadas por Onésimo Redondo e Ledesma Ramos.

- C.E.D.A. - Confederação das Direitas Autônomas
- Monarquistas - Partidários do retorno dos Bourbons
- Tradicionalistas - Partido Carlista
- Falange Espanhola - Partido fascista espanhol
- Jons - Juntas de ofensiva nacional-sindicalista

O golpe militar e a guerra civil

O clima de turbulência interna motivado pela intensificação da luta de classes, especialmente a batalha travada entre anarquistas e falangistas, que provocou inúmeros assassinatos políticos e constantes incêndios de igrejas e depredações de prédios religiosos, seguidos de invasões às Casas Obreras, contribuiu para criar uma situação de instabilidade permanente que afetou o prestígio do Frente Popular.

Provavelmente as desavenças internas dos integrantes das Esquerdas, mais tarde ou mais cedo, fariam com que o governo desandasse. A República, remando na maré da depressão econômica mundial, não conseguia estabilizar o país, muito menos manter a ordem e a segurança. Não havia paz social para aclimatar a nascente democracia espanhola. Atos violentos de um lado eram logo respondidos com ações ainda mais vingativas pelo outro. A dança macabra que enlaçava os extremistas uns com os outros parecia envolver aceleradamente a todos os espanhóis num abraço de morte.

A isso juntou-se a vitória da Frente Popular, composta pelo Partido Socialista, pelo Partido Comunista e pelo Partido da União Republicana, aliança que conseguiu perfazer 34.3% dos votos nas eleições de fevereiro de 1936. Um pouco mais do que os 33.2% alcançados pela coalizão conservadora. Nitidamente a Espanha estava ideologicamente rachada em duas partes que se odiavam.

O governo da esquerda, recém posto, tratou de libertar da prisão todos os condenados por motivos políticos, deu início à reforma agrária das terras dos fidalgos e lançou um amplo projeto de assistência social aos trabalhadores em geral. O descontentamento dos proprietários logo fez se sentir no desprestígio da peseta, a moeda nacional da Espanha, que prontamente desvalorizou-se.

Mas a direta ibérica não se aquietava. Estava entusiasmada com o sucesso de Hitler (pelo rápido aplastamento das esquerdas na Alemanha, seguida da remilitarização da Renânia, etc...) que se somou ao êxito do golpe direitista católico de Dolfuss na Áustria que suprimiu com o poder da social-democracia, em 1934. Os direitistas, primeiramente frustrados com o resultado da eleição, passaram então a conspirar com os chefes militares (generais Emilio Mola, Francisco Franco e José Sanjurjo) e a negociar o apoio dos regimes fascistas (Portugal, com Oliveira Salazar, Alemanha com Hitler e a Itália de Mussolini). Esperavam que um simples alçamento dos quartéis e da esquadra, seguido de um pronunciamento dos generais, derrubaria facilmente a República.

No dia 18 de julho de 1936, o general Francisco Franco, desembarcando de um avião vindo do Marrocos, insurge o Exército contra o governo republicano do presidente Manuel Azaña. Ocorreu, para decepção dos golpistas, que nas principais cidades, como a capital Madri e Barcelona, a capital da Catalunha, o povo saiu às ruas impedindo o sucesso do golpe. Muitos quartéis foram tomados quase que à unha por trabalhadores e populares parcamente armados. Formaram-se rapidamente milícias anarquistas, comunistas e socialistas para resistir ao levante militar e mobilizar os sindicatos e outras entidades de trabalhadores convocados para a luta de vida e morte.

O país em pouco tempo ficou dividido numa área nacionalista, dominado pelas

forças do general Franco e numa área republicana, controlada pelos esquerdistas. Nas áreas em mãos da esquerda ocorreu então uma radical revolução social. As terras foram coletivizadas, as fábricas apropriadas pelos sindicatos, assim como os meios de comunicação. Em algumas localidades, os anarquistas chegaram até a abolir com o dinheiro.

Em ambas as zonas, tanto na nacionalista como na republicana, matanças de civis eram efetuadas através de fuzilamentos sumários. Padres, militares e proprietários eram as vítimas favoritas dos "incontroláveis", as milícias anarquistas, enquanto que sindicalistas, professores, e esquerdistas em geral, eram abatidos a tiros pelos militares nacionalistas quando eram capturados. Entre os escritores a vítima mais famosa foi o poeta Garcia Llorca, fuzilado em Granada, por uma esquadrão falangista, em 1936. O ódio passou a governar a Espanha.

A intervenção estrangeira

Como o golpe não teve o sucesso esperado, o conflito tornou-se uma guerra civil, com manobras estratégicas clássicas envolvendo grandes corpos de exército e esquadrilhas de aviação. O lado nacionalista de Franco conseguiu imediato apoio dos nazistas (Divisão Condor, responsável pelo bombardeamento de Madri e de Guernica) e dos fascistas italianos (aviação e tropas de infantaria e blindados) enquanto que Stalin enviou material bélico e assessores militares para o lado republicano.

A pior posição foi tomada pela França e a Inglaterra que optaram pela "Não-Intervenção". Mesmo assim, ainda com a defecção das democracias ocidentais, não foi possível elas evitarem o engajamento de milhares de voluntários esquerdistas e comunistas que vieram de todas as partes do mundo para formar as Brigadas Internacionais (38 mil homens de 53 nacionalidades) para lutar pela defesa da República.

A França na ocasião também estava sendo governada por uma Frente Popular. Leon Blum, seu chefe, todavia, negou-se em dar aberto apoio aos seus vizinhos espanhóis pois, argumentou ele, se assim o fizesse a direita francesa também organizaria um levante contra a República.

A crise entre as esquerdas

Stalin temia que a revolução social desencadeada pelos anarquistas e trotskistas pusesse em perigo a defesa da República. Além, é claro, de alienar o possível apoio das democracias ocidentais. Ordenou então que o PC espanhol, por meio das *Chekas* (esquadrões da polícia política comunista), comandasse a supressão das milícias (que seriam absorvidas por um exército regular) e um expurgo no POUM (uma pequena organização pró-trotskista).

O que foi feito em maio de 1937, provocando, particularmente em Barcelona, uma outra guerra civil, esta entre comunistas x anarquistas e trotskistas, dentro de uma guerra civil maior. Tal divisão interna das esquerdas, entre pró-revolução e pró-república, debilitou ainda mais as possibilidades defensivas do governo da Frente Popular, facilitando ainda mais a vitória final do general Franco.

A guerra civil na Espanha - o fim da guerra

A superioridade estratégica e militar do general Franco, auto-designado como Caudilho Pela Graça de Deus, e a unidade que conseguiu impor sobre as direitas, foi fator

decisivo na sua vitória sobre a República. Em 1938, seus regimentos cortam a Espanha em duas partes, isolando a Catalunha do resto do país. Em janeiro de 1939, as tropas nacionalistas entram em Barcelona e, no dia 28 de março, Madri, exausta e faminta, rendeu-se aos militares depois de ter resistido a poderosos ataques (aéreos, de blindados e de tropas de infantaria), por quase três anos.

As baixas da Guerra Civil oscilam entre 330 a 405 mil mortos, sendo que apenas 1/3 ocorreu diretamente provocada pela guerra. Meio milhão de prédios foram destruídos, parcial ou inteiramente, perdendo-se quase metade do gado espanhol. A renda per capita dos habitantes reduziu-se em 30% do que era no começo do conflito, fazendo com que a Espanha afundasse numa estagnação econômica que se prolongou por quase trinta anos. Dificultou-lhe ainda mais a retomada da economia o fato de mal terminada a guerra civil ter eclodido a Segunda Guerra Mundial. Devido a isso, os países vizinhos, sufocados pelas gigantescas despesas bélicas, ficaram impedidos de poder ajudar na recuperação da economia da Península. O que era para ser um levante militar de sucesso imediato transformara-se numa guerra fratricida de grandes proporções levando luto e desespero para a maioria dos lares espanhóis, provocando por igual a imigração forçada de milhares de pessoas.

A mão-de-ferro do general Franco

De 18 de julho de 1936 até o seu falecimento em 20 de novembro de 1975, o general Franco – exercendo uma das mais longas ditaduras em um país ocidental que se conhece – , governou a nação com mão-de-ferro. Resistindo aos rogos de Hitler para participar ao lado do Eixo na guerra ele foi poupado de uma invasão aliada. Depois da derrota nazi-fascista, enfrentou às pressões das democracias ocidentais em liberar o regime ou mesmo afastar-se do poder, mantendo-se firme como único caudilho dos espanhóis.

O que definitivamente o ajudou no período do pós-Segunda Guerra foi a emergência da Guerra Fria. Os Estados Unidos passaram a ver na ditadura franquista (que se afastara dos falangistas e se apoiara ainda mais na direita católica) um aliado na confederação anticomunista liderada por eles, abrindo-lhes assim créditos e estimulando a que investimentos ocidentais fossem novamente ativar a debilitada economia espanhola. Aliança esta solidificada pelo fraterno abraço público que o general Eisenhower, então presidente dos Estados Unidos pelo partido republicano, deu em Franco por ocasião da visita que fez à Madri em 1959.

A cripta do Vale dos Caídos talvez seja o símbolo definitivo do regime de Franco, uma enorme composição em pedra talhada e esculpida, posta em pé ao longo de vinte anos por 20 mil prisioneiros políticos e por operários profissionais, erguida para celebrar a vitória dele sobre as “forças do ateísmo moderno” ao tempo que serve como um monumento ao tradicionalismo da Espanha.

Nele, embaixo de uma cruz de dimensões colossais e de toneladas de granito, estão as tumbas do general Francisco Franco e de José Antonio Primo de Rivera, o fundador da Falange, circundadas por 40 mil corpos de soldados sepultados. Como vencedor da Cruzada, o ditador quis com esta obra construída na serra de Guadarrama, quase que ao lado do El Escorial, igualar-se aos grandes da Espanha de outrora, aos reis católicos Fernando e Isabel, a Carlos V e a Filipe II.

Bibliografia

GALLO, Max. **Historia de La España franquista**, París. Ruedo Ibérico, 1972.
JACKSON, Gabriel. **La Republica Española y la Guerra Civil**, Barcelona, Grijalbo, 1977.
MATTHEWS, Herbert. **Metade da Espanha morreu**, Rio de Janeiro, Civilização brasileira. Bras., 1975.
ORWELL, George. **Lutando na Espanha**, Rio de Janeiro, Civilização Bras. 1967.
THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**, Rio de Janeiro, Civilização Bras. 1964, 2 vols.

Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2005/11/18/002.htm>